

« Em filosofia, somos ateus; em política, anarquistas; em economia, coletivistas! »

MIGUEL BACÚNINE

AÇÃO DIRETA

QUINZENÁRIO ANARQUISTA

Diretor: Prof. SERAFIM PORTO

Administrador: MANOEL PERES

ANO II

Rio de Janeiro — Sexta-feira, 18 de Julho de 1947

Preço: Cr\$ 0,50

N.º 38

Figuras do Anarquismo



MIGUEL BACÚNINE

Miguel Bacúnine, que nasceu em 1814 e faleceu em 1876, é um dos maiores pioneiros do anarquismo, ao qual consagrou toda a sua existência fecundíssima. Foi fundador, com Karl Marx, da Associação Internacional dos Trabalhadores, e deixou numerosos escritos, que constituem páginas de ouro da antologia libertária, onde todo o sincero revolucionário encontrará uma fonte perene de inspiração.

O seu pensamento está sintetizado na seguinte frase do seu livro "A Política da Primeira Internacional":

"Em filosofia, somos ateus; em política, anarquistas; em economia, coletivistas".

RESISTÊNCIA ANARQUISTA

Recebemos da RESISTÊNCIA, do interior da Espanha, a seguinte notícia:

"O piquete de execução de Amador Franco e Antonio Lopes, piquete que está submetido a processo, negou-se a fuzilar êstes bravos lutadores da C.N.T. Os chefes franquistas chamaram um grupo de voluntários, tendo acudido apenas elementos das hordas da repressão franquista, entre êles um soldado polaco do exército Andres, um sargento alemão da Wermacht e alguns guardas-civis. Todos êsses constituíram o piquete. Cinco dos verdugos, entre êles o sargento alemão e o soldado polaco, foram executados pela RESISTÊNCIA espanhola".

« Esta Faculdade está em greve no uso de um direito! »

ESTUDANTES REBELADOS

"Esta Faculdade está em greve no uso de um direito".

Foi o que lemos e muitos leram em larga faixa, à entrada do velho casarão do Largo de S. Francisco, de onde saíram grandes vultos da engenharia brasileira, e de onde saíram também outros menos felizes, que se espalharam pelo duro magistério secundário ou foram a despachar papéis nas repartições públicas, não porque não fossem capazes, mas porque não têm onde aplicar os conhecimentos que com tanto trabalho adquiriram em seis longos anos, ou porque os quiseram atirar ou teriam de atirar-se, desprotegidos dos mais elementares recursos, a regiões onde entregariam a saúde a pouco preço.

"Esta Faculdade está em greve", repetem unisonas todas as outras.

Mas... qual a causa da greve daqueles jovens, que muitos supõem nada levarem a sério?

O dinheiro, eis a causa! Há um ministério, um galho político, é preciso seiva para os membros dos partidos, que ajudaram a conquistar o Executivo, é preciso recompensá-los... e aos parentes, pupilos e protegidos.

São eles piores do que gafanhotos, são mais vorazes! Não há dinheiro que chegue para saciá-los! E diminuem-se verbas de instituições que deviam tê-las aumentadas, eriam-se sélos de educação e logo se lhes duplicam o preço, descobrem-se outras tetas e esmagam-se os estudantes sob o peso de taxas exorbitantes.

No entanto, não se querendo confundir com o Carneiro do Ministério, rebelam-se os estudantes e não pagam a última majoração. Mas o Carneiro para os grandes é Leão para os pequenos: usa da prepotência e brande injusto golpe contra aqueles que supunha feitos à sua imagem.

Greve! — é a resposta. Entêrra sim-

bólico é o ridículo!

"Esta Faculdade está em greve no uso de um direito". Eis uma faixa que dignifica uma plêiade de jovens!

Com a greve poderão ir à conquista de novas reivindicações. E' preciso lutar pelo ensino inteiramente gratuito que o Governo já prometeu em parágrafos de constituição, mas não cumpriu. E' preciso obrigá-lo a cumprir, porque só prometeu, por pressão da opinião pública. Esta, porém, vendo prometido, supôs conquistado, e confiou. E os Governos, que não sentem tal reivindicação, uma vez que se lhes seca uma fonte ubérrima, e os obrigam a dar à coletividade, em forma de instrução, o que a ela pertence, como fruto do seu trabalho, vêm fazendo o inverso.

Como taxa pesadíssima, imposta aos estudantes, bastam os livros, cujos preços não permitem a muitos adquiri-los. As bibliotecas, estas ou ou são deficientes

ou não podem atender às exigências do modo de vida dos estudantes pobres.

Ensino inteiramente gratuito! — eis uma reivindicação urgente e justa! E quem melhor do que os estudantes para lutarem por ela. Sim, porque só pode bem avaliar o quanto vale a instrução quem teve a ventura de adquiri-la.

Os que têm instrução devem prestar serviço das grandes causas! Por não terem compreendido isso quase todos os intelectuais, é que hoje assistimos, estupefatos, à dolorosa perspectiva de uma nova guerra, por ser quase impossível dentro dos cânones do capitalismo, privado ou de Estado, consolidar a Paz! E' que se tem usado da cultura, egoísticamente. E a ignorância aí está, campo farto para tôdas as especulações egoístas, canero corrosivo da fraternidade universal.

Dignamente! Àvante!

Parabens, estudantes! Ação Direta!

Estivemos com Videla no comício das escadarias do Teatro Municipal, onde foi vivamente aplaudido, não só quando atirou sobre o povo a já célebre frase... "a exploração do homem pelo homem, fonte de desarmonia, fonte de guerras", mas ainda quando arguiu de covarde a atitude de diplomatas de outras nações, seus colegas em Paris, em face da invasão teuto-nazista. Estivemos com Videla no Instituto Nacional de Música quando da recepção a Lombardo Toledano, onde, em resposta aos ataques que vinha sofrendo de sua terra, por haver ido, com toda a embaixada, receber o aludido político, abraçou-o publicamente, pondo em risco o seu cargo. Estivemos com Videla no mesmo Instituto, quando em sessão de despedida, organizada pela Liga da Defesa Nacional, se virou para o representante do embaixador dos Estados Unidos e lhe pediu que soubesse do seu Estado a causa que levava os senhores dêle, a pagarem "salários de fome" aos trabalhadores chilenos, quando pagavam, na mesma indústria, salários bem melhores, aos trabalhadores norte-americanos.

Todas as religiões embrutecem e corrompem os povos, matando nêles a razão, principal instrumento da emancipação humana, e reduzindo-os, pois, à imbecilidade, condição essencial da escravidão.

Miguel Bacúnine

Videla frente ao Anarquismo

Passam-se os anos. Videla volta ao Rio de Janeiro, Presidente do Chile. Videla já não é o mesmo. A sua linguagem é bem diferente!

Dizendo que, existindo na América uma política democrática, necessário se tornava "levá-la ao terreno econômico", concluiu assim: "Só dessa maneira afastaremos as ideologias estranhas. Os americanos precisam de uma política própria".

Positivamente Presidente Videla! Assim foi várias vezes e jamais lhe ouvimos o já soavado e sórdido prêgo: — "ideologias estranhas"! Isso andava na boca de políticos boçais, caseiros ou bandidos de fronteira, dos quais não nos ocupamos, por decôro e higiene moral.

Mas Presidente Videla, a reação tinha de dar-se. Faltava o elemento catalítico, o elemento de presença, o

Governo, que a todos envolve, anulando-os ou corrompendo-os. E' o que sempre disseram os anarquistas. Eis mais um caso.

Sempre o Governo. Quanto pode! Se chega a transformar titeres em gênios?!

Videla dos comícios anti-fascistas! falas da "idéia da verdadeira comunidade internacional", proferindo: "...a força armada internacional a serviço da instituição que representa a ordem jurídica internacional. O direito já dispõe da força coercitiva que é o seu necessário complemento".

Presidente Videla, pela mesma razão que levou à falência a extinta Liga das Nações, está decretada a falência dessa "ordem jurídica internacional". Não é por intermédio de um direito caolho, embora venha a ter a seu serviço uma "força coer-

citiva" que se vai chegar à "verdadeira comunidade internacional". Esta só será atingida pela vontade de todos os trabalhadores do mundo inteiro, intelectuais ou manuais, conscientemente organizados e movidos sinceramente pelos ideais, que não acham razão de existirem criaturas, pelas condições de pobreza ou de miséria de seus pais, já fadadas ao nascerem, a alugar o seu trabalho a afortunados ou desonestos, fato que determina o desinteresse do trabalho, a vadiagem, o roubo, a prostituição, os crimes, enfim, a série toda dos males sociais.

Voltando ao prêgo: — "ideologias estranhas", e à esfingética "política própria", própria sim, mas de banquetes regados, pergunto se "a orientação socialista" que diz "emergiu na alvorada dêste século", é um fruto da América, pois que, após ter falado em

« AÇÃO DIRETA »

Por motivos expostos em reunião de 28 de junho, o companheiro José Oiticica deixou a direção efetiva de AÇÃO DIRETA, embora continue, para efeitos legais, seu diretor responsável.

Foi escolhido para substituir o companheiro Oiticica nosso camarada professor Serafim Porto.

Este número já foi elaborado pela nova direção.

Miguel Bacúnine

« Não há moral senão na liberdade »

MIGUEL BACÚNINE

O Sagrado Interêsse

GERMINAL

O interêsse essencial do Estado, isto é, o interêsse material e espiritual, apoia-se no mesmo fundamento que o da Igreja: no egoísmo absoluto. E, sendo absoluto, é, consequentemente, sagrado.

Que é um interêsse absoluto? E' um interêsse alheio, estranho, que exige ser reconhecido como interêsse da maioria, ainda quando ninguém por êle se interesse.

Ao nascer, já o cidadão encontra êsse interêsse absoluto estabelecido, habitua-se a considerá-lo indispensável e útil, aceita-o como aceita o alimento, sem perguntar porque há de ser assim e porque essa coisa misteriosa converte os homens em seres inertes.

A tais perguntas, responderia o Estado assim:

E' a vontade da maioria!

Da maioria? Mas, de que se compõe essa famosa maioria? De homens inteligentes ou de homens ignorantes?

Ora, a maioria ignorante jamais provaria a verdade de uma doutrina. Essa massa enorme e informe, que mal chegou a uma erupção pre-consciência de si mesma, que teme a liberdade positiva, guiada por argenticários e laráprios não prova coisa alguma.

E' profundo êrro supôr que o egoísmo degenerado do Estado equivale ou representa o nosso interêsse coletivo. Antes, podem-se comparar os interêsses do Estado e os do proletariado aos do amo com os dos escravos. São interêsses que se excluem mutuamente. O vantajoso para um é prejudicial para outro. Em caso algum podem ser êsses interêsses ajustáveis, pois os interêsses do Estado são os obstáculos mais sérios à liberdade positiva.

Ante um interêsse absoluto, qual o definimos, todo interêsse particular é forçado a desistir.

Tudo ato praticado em atenção a seres absolutos é religião. Para ser alguém religioso não precisa de capacidade ou vocação especial. A terra mais fértil da religião é a ignorância. Marcham ambas juntas e, com o interêsse absoluto, segue a inércia e a escravidão.

Tudo quanto nos obriga a respeitar ou venerar assume aspecto sagrado. Aquilo que se sagra geral é sempre absoluto, porque se arroga o título de autoridade suprema, onipotente e espiritual.

Ora, toda entidade espírita capaz de materializar-se em poder fatalmente tiraniza os que não crêem na sua santidade.

Teimam por igualar o interêsse do Estado com o interêsse da pátria; mas, o Estado não é a pátria!!! A pátria é a grande comunidade dos homens livres, sem governos nem súditos. A pátria constituída por domi-

nadores e dominantes, barreiras, trincheiras, prisões, não é pátria, é falsa pátria, onde se chama à escravidão liberdade e à injustiça interêsse sacrossanto!

Todas essas coisas sagradas, como leis e dogmas são manifestações de interêsses imaginários, como a da trindade — um igual a três.

Todavia, êsse interêsse absoluto do Estado e da Igreja não é nenhum interêsse irreal ou metafísico; ao contrário, é o interêsse, bem palpável, de uma classe privilegiada, cujo máximo desejo é precisamente apresentar seu interêsse como coisa sagrada.

Em cima dêsse interêsse sagrado se edifica o palácio da mentira: o interêsse geral, baseado na ignorância geral.

O interêsse absoluto é uma mentira do Estado cujo fim é a sua própria conservação. Assim, por toda a parte, se nos deparamos mentiras; mentiras no ensino, nas vias públicas, nas igrejas, na política, na administração, nas relações externas! E, no entanto, vivemos numa sociedade de admiração recíproca.

Ora, o princípio da liberdade assenta na verdade, isto é, na livre autoevolução e autodeterminação, na livre percepção e compreensão do interêsse individual. Chamamos a isso **liberdade positiva**; só ela é segurança dinâmica contra qualquer interêsse absoluto.

A frase **os homens são iguais** significa ter o homem inalienável direito à liberdade e felicidade positiva. Diz mais: as relações entre os homens não podem ser as de dominadores e dominados e sim as de pura solidariedade. O Estado é um fantasma poderosamente armado que temos de vencer. E' o mais astuto mentiroso com a mais honesta cara, igualzinha à de sua irmã, a Igreja, mãe ilegítima da ignorância.

Existem verdades que só amanhã serão reconhecidas e muito ancião morre hoje com mentalidade de criança de peito. São êsses os mais perigosos inimigos da liberdade, sustentáculos fiéis dos **sagrados interêsses**. Pobres de idéias, remastigam, sem cessar, as antigas histórias, contadas pelas avózinhas de fantasmas e homens com três cabeças. Vivem sempre no passado, mas supõem-se no presente. São êstes a coluna mestra do Estado.

Todos êsses idólatras, êsses escravos do dinheiro e do poder, sempre alardeando o sagrado interêsse do Estado e da Igreja, conhecem, na realidade, um só interêsse, o de ficarem ricos poderosos com o suor do trabalhador, para depois tripudiarem sobre a sua miséria.

Proletário! Teu interêsse é o de livrar-te de todos êsses mentirosos **sagrados interêsses!**

A Procissão dos Estropiados

Por F. FERREIRA DA SILVA

Chegado de uma visita que fez a Portugal, onde se demorou meia duzia de meses, o cidadão indignado contou a historia da procissão mais impressionante que presenciou em toda a sua vida.

Lá pelas proximidades de Vila da Feira, numa freguesia como as muitas outras freguesias de Portugal, o povo é religioso ou tem suas crenças tradicionais. O visitante foi assistir á procissão que, em Janeiro, se fazia em costumada festa do Martir S. Sebastião. E notou que o povo mostrava um semblante constrictado, diferente, seguindo o andor do Santo atrás do qual iam três homens para quem se voltava a atenção de todos. Um caminhava apegado a uma bengala, com sinais evidentes de lesão que o inutilizava; outro levava sobre o peito a mão com os dedos todos entrapados; e o terceiro, mais forte, moço, tinha vestígios de desgosto ou doença que o alquebrava.

Qual o significado daquele estranho acompanhamento?

Muito a medo, alguém confiou ao forasteiro:

... São os que estiveram presos no Porto, por causa do baile.

A curiosidade era cada vez maior, e o visitante não descansou enquanto não soube tudo. Mas só á noite, em lugar seguro.

Semanas antes se passara o fato estranho e estarrecedor.

Um rapaz a quem o pai não abriu a porta, por voltar a casa fora de horas num sabado de noite (coisas de moços que não têm outras oportunidades para namorar), foi passar o resto da noite num baile com outros três companheiros, dois deles já homens casados. Dançavam e conversavam. O pão era escasso, e nem todas as padarias recebiam igual quantidade de farinha. Porque nos Gremios ha proteção e interesses de especuladores do "mercado negro". Só num lugar de diversões, parecia-lhes, se podia comentar a aflitiva situação economica do povo. E estenderam considerações sobre o assunto. O rapaz, que entendia que "os Gremios deviam acabar", não apareceu mais em casa, no dia seguinte. Foi um alvoroço na aldeia, tão grande que as autoridades meteram-se no assunto. E como se meteram! Prendendo os outros companheiros do desaparecido. E inventando uma história...

Eis a versão da policia: o grupo tivera uma alteração á saída do baile, e os três mataram o rapaz, atirando-o dentro de um poço. O cadaver não aparecia, mas os acusados foram para a cadeia do Porto, onde quiseram forçá-los a confessar. Para isso as torturas se usaram. As torturas em que é eximia a policia da inquisição fascista de Salazar. Um deles levou tanta pancada, que lhe esmagaram um rim, inutilizando-o; a outro arrancaram as unhas; o terceiro, mais resistente, aguentou os maus tratos; mas a confissão não veio.

Na aldeia, aflitos uns pela falta do jovem desaparecido, envergonhados pela acusação de assassinio que pesava sobre os presos, fez-se uma promessa. Estava proxima a festa do Martir S. Sebastião. Iriam todos na procissão, cumprir fervorosa promessa, se até lá o misterio fosse desfeito. Porque ninguém acreditava na historia da policia.

Quinze dias tardou o desfecho e o fim daquela angustia. Um telegrama avisou que o rapaz desaparecido estava preso em Elvas. Para lá o tinham levado, e ao mesmo tempo que assim o castigavam queriam vingar-se dos outros dando-os como autores da sua morte.

O moço chegou de Elvas a tempo de assistir á festa de S. Sebastião, mas tão arruinado pelos maus tratos, tão doente, tão desfigurado que parecia ter vindo realmente do fundo de um poço ou de uma cova. Os presos, postos em liberdade, lá iam na procissão dos estropiados, estranho voto de fé que se transformou em anátema contra a crueldade dos algozes. Os aleijados da cadeia, o de rim quebrado, o de unhas arrancadas, faziam companhia ao Martir de corpo erivado de flexas. O povo esmagava com o seu desprezo a calunia policial. E consolava, pela unica forma que lhe era possível, as victimas do terror, de banditismo que flagela um povo eriminosamente submetido á mais torpe escravização, ao mais revoltante dominio de aventureiros e exploradores.

A procissão das victimas continua, e brada pelo castigo dos bandidos!

Os intermediários de Marte

O general Urisky representava a **Intelligence Service** do Estado Maior do Exército Vermelho na conferência da Lubianka. Era função própria do seu departamento opinar na questão técnico-militar de nossa época. Foi sua secção a que determinou as quantidades e classes de tipos que os arsenais deviam prover, fixou o número e pessoal dos peritos militares, pilotos, oficiais de artilharia e tanques para a Espanha. Quanto aos assuntos de índole militar, ficaram êsses homens sob as ordens do Estado Maior do Exército Vermelho. De qualquer modo, eram vigiados pela policia secreta.

Já estava em marcha a intervenção de Stálin na Espanha. Pus-me em ação como se já estivesse, de fato, na frente, pois fora designado para serviço ativo militar. Chamei um agente importante de Londres, outro de Stocoolmo, um terceiro da Suíça e determinei que nos encontraríamos em Paris, para celebrarmos uma conferência com um agente especial enviado de Moscou. Esse agente, chamado Zimin, era perito em munições e membro da secção militar da **Agpu**.

Aos 21 de setembro e no maior segredo, encontramos-nos em Paris. Zimin trouxe instruções explícitas e concretas de que devíamos evitar toda possibilidade de envolver o governo soviético em nosso tráfico de armamento. Tínhamos de manter o negócio das munições **particularmente** por meio de firmas comerciais, criadas para tal fim.

Nosso primeiro passo foi estudar a criação de uma nova rede européia de empresas comerciais aparentemente **privadas e independentes**, fora das que já tínhamos,

A Mão de Stáline na Espanha

Por W. G. KRIVITSKY
(ex-general do Exército Vermelho)

(Continuação)

dedicadas à importação e exportação de material de guerra, o que é profissão antiga na Europa.

Dependia o êxito da seleção de pessoal apropriado.

Já contávamos com elementos dessa classe. Alguns deles figuravam nas organizações aliadas aos diversos centros do Partido Comunista no estrangeiro, tais como os amigos da União Soviética e as muitas Ligas pela paz e pela Democracia.

A **Agpu** e a **Military Intelligence** do Exército Vermelho viam certos membros dessas sociedades como reservas de guerra e como auxiliares do sistema de defesa soviética. Nós podíamos escolher homens dos já suficientemente provados em trabalhos extraoficiais para a União Soviética. Alguns eram aproveitadores e arrivistas; os mais, porém, eram sinceros idealistas. Todos eram discretos, de confiança, contavam com as relações indispensáveis e eram aptos a desempenharem o papel sem delatar-se em caso algum. Fornecemos o capital, montamos os escritórios e garantimos o lucro.

Em dez dias, estava assentada uma rede de firmas importadoras e exportadoras de constituição recente em Paris, Londres, Copenhague, Amsterdam, Zurique, Varsóvia, Praga, Bruxelas e outras cidades européias. Em cada firma havia um sócio comanditário que era o agente da **Agpu**, o qual subministrava o dinheiro e controlava todas as operações. Em

caso de equívoco pagaria com a vida o êrro.

Enquanto essas firmas percorriam os mercados da Europa e da América para achar material de guerra disponível, preocupava-me urgentemente o problema do transporte. Na Escandinávia podia conseguir-se, por bom preço, barcos apropriados a tal fim. Consistia a dificuldade em obter despachos para envio do armamento à Espanha. Esperávamos consignar as remessas à França e reembarcá-las em França para os portos espanhóis. Mas, o ministro das Relações Exteriores de França negou-se a conceder a documentação do despacho.

Havia, entretanto, outra saída, provermos de documentação consular de outros governos certificando que o armamento fôra adquirido para importação dos seus países. De determinados consulados latino-americanos pude conseguir um sem número de certificados de importação e de vez em vez, tivemos a sorte de obter outros similares de consulados europeus e asiáticos.

Com tais certificados, obtivemos despachos da alfândega. Os barcos seguiram, não para Sulamérica ou China, mas para os portos da Espanha governamental.

Fizemos grandes compras às fábricas Skoda da Tchecoslovaquia, a várias firmas de França e outras da Polónia e Ho-

landa. Tal estava o comércio de munições, que chegamos a comprar armamento à Alemanha Nazi. Enviei um agente que representava uma firma nossa da Holanda a Hamburgo onde averiguamos estar à venda uma quantidade de fuzis e metralhadoras antiquadas. O diretor da firma alemã só se interessava pelo preço, referências bancárias e documentação legal do embarque.

Simulação marítima

Nem todo o material comprado era de primeira classe, visto que, na Europa e sobretudo na atualidade, o armamento se torna, rapidamente, antiquado. Porém, nosso objetivo era ministrar ao governo de Largo Caballero fuzis e canhões que disparassem e isso com presteza. A situação de Madrid agravava-se.

Em meados de outubro, começaram a nha governamental. A ajuda soviética fez-se de dois modos. Minha organização empregava unicamente vapores estrangeiros, a maioria dos quais arvorava a bandeira escandinava. O **Sindicato particular Odessa**, do capitão Ulansky começou utilizando navios espanhóis embora em número limitado. Moscou, dada a insistência de Stálin de manter absoluto sigilo por medo de se ver envolvido numa guerra, não permitia autorizar barcos soviéticos providos de documentação soviética, especialmente depois que os submarinos e auxiliares começaram a atacar e apresar navios mercantes no Mediterrâneo destinados às costas espanholas.

(continuará no próximo n.º)

Por um Sindicalismo Revolucionário

Resistência Sindical

Por QUETZAL

Hoje mais do que em nenhuma época, é necessário que os trabalhadores nos organizemos para resistir à exploração desapidada de que somos vítima; é necessário retornar à tática da "ação direta" para reivindicar nossos direitos a tomar parte no banquete da vida. Esperar que o Governo, que os partidos políticos ou os sindicatos ministerialistas resolvam nossa situação, é iludir-nos. Os Governos têm uma missão, que é a de defender o atual sistema de exploração do homem pelo homem. Nenhum Governo resolverá a situação da classe trabalhadora, pois sua missão, como dissemos acima, é a de garantir o regime capitalista, quer seja democrático ou totalitário. Os políticos das tribunas de seus partidos não fazem outra coisa senão prometer-nos. Prometemos tudo; dizem que, quando chegarem ao poder, resolverão todas as situações. Porém, uma vez no poder, só se lembram de defender o interesse do Estado e do sistema capitalista; e a classe trabalhadora continua sofrendo todas as penúrias, como antes de haver depositado o seu voto a favor dêste ou daquele candidato. Os sindicatos ministerialistas outra coisa não são que dependências do Estado, com uma corja de burocratas vendidos ao capitalismo e ao Estado, que só se preocupam de cobrarem seus ordenados e passearem como palhaços pelos corredores dos Ministérios, esperando a passagem de algum personagem influente, para poder dobrar a espinha dorsal e demonstrar com o gesto e com palavras seu servilismo. Ante esse inimigo juramentado da classe trabalhadora, que nos resta aos famélicos explorados? — continuarmos acreditando em suas promessas ou rebelar-nos contra tanta hipocrisia?! — Optamos pela segunda resolução. Para nós, trabalhadores revolucionários e anarquistas, só há um caminho: a rebelião. Não é possível que fiquemos impassíveis aos nossos inimigos; e nossos inimigos são todos aqueles que nos exploram. Como, porém, havemos de nos defender dos que possuem a força a seu favor? O lógico seria lutar nos sindicatos. Que sindicato, porém, nos poderia oferecer

tal possibilidade, se todos são ministerialistas? De que maneira poderemos lutar com possibilidade de êxito? Não tenhamos ilusões. Sabemos que os inimigos da classe trabalhadora possuem todos os meios para nos manter submetidos. Sabemos, porém, também que contra a vontade insuperável da classe trabalhadora não há meio possível de nos deter em nossa luta, se nos dispomos a reivindicar nossos direitos. Se os sindicatos atuais não nos oferecem nenhuma garantia, por sua formação colaboracionista, defendamos o direito de nos organizarmos em sindicatos anti-ministerialistas, começando por formarmos grupos de RESISTÊNCIA SINDICAL, em todos os lugares de trabalho: nas fábricas, nas oficinas, nos edifícios em construção, em todos os lugares em que haja atividade produtora.

Esses grupos devem ter a missão de combater os desvios dos atuais sindicatos, reivindicar melhoras morais e econômicas, procurar por todos os meios ao seu alcance pagar um novo sistema de organização sindical, baseado na prática do federalismo, onde todos os membros da organização sejam consultados, tendo como norma de conduta a ação direta e como arma a greve, para obrigar os exploradores a atender a nossas justas reivindicações. Se os trabalhadores nos decidimos a organizar-nos em grupos de RESISTÊNCIA SINDICAL veremos que logo começaremos a colher os primeiros frutos de nosso labor. Sabemos que iremos tropeçar com muitíssimas dificuldades, porém, quanto mais árdua a luta, mais mérito teremos os que nos decidimos por ela. E ainda que, muitas vezes, soframos algumas derrotas, nem por isso devemos desanimar, porque devemos ter sempre presente que nenhum Governo, nenhum partido político e nenhum sindicato ministerialista resolverão nossa situação. E como os fundadores da A.I.T. (Associação Internacional dos Trabalhadores) devemos afirmar que a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores.

OS ACONTECIMENTOS DE MAIO DE 1937

(Conclusão da pág. 4)

Contrastando com a generosidade dos homens da C.N.T. e do Movimento Libertário, os sicários do P.S.U.C. cometeram durante os trágicos dias de Maio de 1937 atentados verdadeiramente revoltantes. Entre eles evocaremos o assassinio do professor Camilo Berneri, pensador anarquista que acudira à Espanha para lutar contra as hordas fascistas e foi morto como vingança por ter escrito um folheto no qual discorria da política que seguia o Partido Comunista com relação à guerra espanhola.

Também foram assassinados, por serem contrários às manobras comunistas, os lutadores Barbieri, italiano; o professor Ruas, uruguaio, e, numa emboscada covarde, o secretário das Juventudes Libertárias, Alfredo Martinez, o miliciano Domingo Ascaso e mais treze jovens libertários cujos cadáveres foram encontrados horrivelmente mutilados no cemitério da aldeia de Sardañola Ripplet.

NEGRIN, A DERROTA

Como complemento dos acontecimentos de Maio, veio a queda do Governo de Largo Caballero, provocada pelo Partido Comunista para deixar o caminho aberto a um governo chefiado por Juan Negrin, já que Caballero não se prestava a ser lacaio nem de Londres nem de Moscou.

A Confederação Nacional do Trabalho e a União Geral dos Trabalhadores denominaram o Governo de Negrin "o governo da derrota", e tinham razão. A partir do dia 11 de Maio, Negrin e o seu par-

tido deram um golpe de morte nas aspirações do povo espanhol, entregando-o inerte às garras do franquismo.

O povo espanhol julgará, algum dia, os seus traidores...

NOTAS ADMINISTRATIVAS

"AÇÃO DIRETA"

Fred K. (Rio Grande do Sul) —
Recebemos Cr\$ 200,00

A. Pessagno (Campinas) —
Recebemos Cr\$ 100,00

SUB-DELEGAÇÃO DA C.N.T. E DO MOVIMENTO LIBERTÁRIO ESPANHOL

Zeferino Oliva — Presidente Bernardes —
Como indicamos em carta, recebemos os Cr\$ 720,00, que enviastes para auxiliar as viúvas e órfãos da Guerra Espanhola e que remetemos ao Comité encarregado da distribuição de donativos.

PRÓ GUERRILHEIROS

Além das contribuições mensais de Cr\$ 20,00 cada uma, dos camaradas Esteves, Correia, S. Batista e Remigio, recebemos, no mês de Junho, mais os seguintes donativos: Catalán Cr\$ 100,00; Vicente Cr\$ 50,00; Cortés Cr\$ 50,00.

NÃO APOIADO!

PELO DR SATAN



"Temos de lutar, com todas as nossas forças, contra Satan" — Lê-se em um órgão do vaticano indigena.

— Permitam os leitores que me defenda, apresentando-me aos que me não conhecem. Quem sou eu, quem é Satan? Demos a palavra ao filósofo Emilio Fagnet: "Satan é o espírito de revolta contra a fé, o ascetismo e a escolástica; é um apelo à natureza desprezada pelo pensamento cristão e à vontade esmagada pela autoridade. E' a ciência, a natureza, o espírito do livre-exame e a filosofia ligados contra o obscurantismo". Os leitores podem agora mais facilmente escolher entre mim e a Igreja Católica, entre mim e o Estado, ou seja, entre mim e a Religião, entre mim e a Autoridade.

"Depois da sua catilinária no Senado contra os males públicos, a que éle próprio deu origem, o ex-ditador sr. Getúlio Vargas acaba de recolher-se a S. Borja, onde vai descansar". — notícia um jornal governamental.

— Quem não voltará a cacetear-nos mais com as suas arengas histriônicas é, garanto-vos, Mussolini... que também foi descansar...

"Temos de respeitar a Deus, que nos criou" — recomenda um dos órgãos da Companhia de Jesus.

— Está enganado, reverendo; não foi Deus quem criou os homens, mas sim os homens que o criaram a éle. Mas, apesar daquela convicção, vocês padres, continuarão a vender-nos Deus por gróssos e a varejo...

"Devemos zelar por que seja interdita à juventude a leitura dos maus livros, dos livros incluídos no "Index" — acrescenta o mencionado órgão vaticanista.

— Mas o "Index", reverendo, é o catálogo da melhor literatura. Lá estão Vitor Hugo, Zola, Alexandre Herculano, Junqueiro e os mais geniais escritores e pensadores de todos os tempos e países. Se excluirmos as obras excomungadas, que nos fica de bom?

"As eleições organizadas pelo tirano da Espanha foram uma farsa" — comenta o órgão nazisoviético local.

— Acrescente-se: Uma farsa copiada servilmente pelo tirano da Espanha do tirano da Rússia, a quem o primeiro deve direitos de autor.

"O Governo do ditador Dutra, que já conseguiu a cassação do registro do Partido Comunista, pleiteia agora a cassação dos diplomas de deputado dos nossos camaradas Pedro Pomar, Arruda Câmara e Franklin de Oliveira" — queixa-se o mesmo órgão nazisoviético.

— Pois sim, mas apesar desta e de outras lições, vocês continuarão a gritar "vivas" à pátria, à democracia burguesa, a Santa Mãe Igreja, ao Preses, ao Bispo de Maura e ao Ademar de Barros e a desencaminharem os trabalhadores da estrada reta da luta de classes e da ação direta para os terrenos invios e estérteis das pugnazinhas eleitorais.

"Foi preso no mercadinho da praça José de Alencar o pedreiro José dos Santos por haver-se apoderado, sem pagar, de vários artigos expostos em uma das barracas". "Numerosas senhoras da alta sociedade, admitidas à festa do palácio das Laranjeiras, dada pelo nosso Governo em honra do presidente Videla, ficaram sem as suas joias e valiosas peças de vestuário, sem que a Polícia haja logrado até hoje identificar os autores de tão incompreensíveis furtos, uma vez que àquela festa só foram convidadas personalidades da maior respeitabilidade".

— Já o dizia Manuel Bernardes, o da "Nova Floresta", que, como padre, conhecia bem o assunto: As malhas da lei são como teias de aranha. Ai da simples mosca que nelas caia! Nunca mais se desembaraçará. Uma pedra, porém, ou qualquer outro corpo igualmente pesado, rompê-las-á facilmente.

"Caíu do alto de um andaime, num prédio em construção na rua Conde de Bomfim, o carpinteiro Carlos de Carvalho, que teve morte instantânea".

— Rendimento dos trabalhadores.

"Foi detido e internado em uma casa de saúde, por ter sido considerado louco, o homem que no Senado jogou uma pedra contra o sr. Getúlio Vargas".

— Foi assim em todos os tempos: Todos aqueles que revelaram decisão, coragem, hombridade, na luta contra as injustiças, e procuraram melhorar o mundo, foram tidos por loucos. Assim sucedeu com Diógenes, com Sócrates, com Cristo, com Luiza Michel... Os homens de juízo são os que, ativamente ou por sua inércia, perpetuam as injustiças do mundo. Glorifiquemos, pois, a loucura. Vivam os loucos e morram os homens de juízo!

"O ditador Franco venceu o plebiscito, cujo resultado o perpetuará no poder como chefe do estado espanhol. Não foi autorizada a oposição e compareceu às urnas pequeníssima percentagem de eleitores".

Sim, o ditador Franco, tal como antes Salazar, venceu a luta contra o povo inerte graças à cumplicidade dos senhores da Terra ou seja, dos chamados chefes das Nações Desunidas: Truman, Bevin, Bidault e Stálin. Só a união dos trabalhadores de todo o mundo poderá derrubar todos os ditadores. Até lá, estaremos sujeitos a sofrer ainda uma nova e mais terrível guerra, em nome, uma vez mais, da democracia contra o fascismo...

Evolução e Revolução

Por IDEAL PERES

Não há oposição entre esses dois termos como à primeira vista parece haver. Evolução e revolução são fenômenos da mesma natureza e que apenas se distinguem pelo grau de intensidade com que atuam na natureza e nos fenômenos sociais.

Podemos dizer que evolução é o período de gestação ou acumulativo mais ou menos lento ou acelerado, e revolução o período em que a evolução atingindo o seu ponto de saturação, rompe com violência o envoltório que impede sua livre manifestação, dando

início a outro período evolutivo que culminará com outra revolução e assim infinitamente.

Como exemplo podemos tomar um rio cuja correnteza fôsse, subitamente, obstruída por uma barreira. A água ir-se-ia acumulando até o ponto em que a força da mesma sendo mais forte que a resistência oposta pela barreira, romperia com violência e prosseguiria a sua marcha natural. A evolução nesse caso é o acúmulo da água; a revolução o momento em que a água rompe a barreira.

No mundo social o fenômeno se processa da mesma forma.

Mas afinal que entendem os anarquistas por revolução? É Kropótkine, esse grande pensador libertário, quem responde: "para nós anarquistas, revolução não é uma simples mudança de governo, um mero levante intransigente que deixa de pé o regime existente, sem outra missão que passar o poder de um tirano para outro. Isto não é revolução, nem coisa parecida. A revolução é algo grandioso, algo de maior projeção e irradiação.

E' o acontecimento que em poucas horas derruba instituições milenares na aparência invulneráveis e não obstante reduzidas a montões de escombros, sobre os quais se levantará um mundo novo, um mundo humano, um mundo verdadeiramente justo e livre. Isto sim é uma revolução".

Os anarquistas ao propagarem a idéia de revolução entre os povos, em absoluto desconhecem a evolução; pelo contrário, concedem a esta papel preponderante nos fenômenos sociais, já que sem ela não existiria o efeito

revolucionário. Por outro lado, reconhecem os anarquistas, que somente, por evolução, a humanidade não marchará para um mundo sem exploradores e explorados, isto porque as forças conservadoras e reacionárias opõem tenaz resistência, impedindo por todos os meios qualquer avanço pacífico para as melhorias das condições humanas.

O choque torna-se, pois, inevitável e será tanto mais violento, quanto maior fôr a resistência oposta pelas forças aboletadas no poder.

1936 - ESPANHA - 1947

Por MANOEL PERES

A OBRA CONSTRUTIVA DO ANARQUISMO



A tomada da Bastilha no dia 14 de Julho de 1789, culminou na abolição do feudalismo e na promulgação dos **Direitos do Homem e do Cidadão**, conquistas ampliadas após a Grande Revolução de 1793 que, com a execução na guilhotina de Luiz XVI e Maria Antonietta, extinguiu a dinastia dos Capetos, instaurando por vez primeira no mundo o chamado sistema democrático.

Este sistema de convivência social, ainda existe hoje na maioria das nações, embora assegurando ao homem — tal como afirmam — a liberdade política, deixa-o entretanto submetido à mais terrível es-

cravidão econômica, pois ficam de pé as bases fundamentais desta tirania, que são a propriedade privada, o estado maioria das nações. Embora e o princípio da autoridade.

A Comuna de Paris, em Março de 1871, epopéia gloriosa que contou entre os seus heróis as figuras grandiosas de Eliseu Reclus e Luiza Michel, marcou o primeiro passo para a instauração no mundo do verdadeiro Socialismo.

Embora inspirados já no espírito da Primeira Internacional, fundada em Londres, em Setembro de 1864, não tinham os comunistas de 1871 nem o espírito revolucionário, nem a capacidade cons-

truetiva do proletariado dos nossos dias.

A Revolução Russa de Outubro de 1917, foi no seu início uma grande esperança para o proletariado internacional. Infelizmente esta esperança transformou-se numa terrível desilusão, primeiro, com a traição de Trotsky, assassinando covardemente pelas costas os bravos guerrilheiros de Nestor Maeno, que o tinham ajudado a vencer os exércitos czaristas, e depois quando estes trabalhadores puderam constatar, que a chamada **ditadura do proletariado** era apenas a ditadura brutal de um partido contra esse mesmo proletariado.

19 de Julho de 1936

Surge a Revolução Espanhola de 1936, resposta enérgica de um povo digno e altivo ao golpe fascista do fatídico general Franco, ao serviço direto de Hitler e Mussolini, que na Espanha queriam iniciar a segunda guerra mundial para instaurarem no mundo o regime totalitário.

Por vez primeira, na história humana, o mundo viu com verdadeiro assombro, como o proletariado, desprezando a orientação malsã dos partidos políticos, e organizado conscientemente nos seus organismos sindicais, empregando como arma de combate a ação direta, tem capacidade suficiente para reger os seus próprios destinos.

Este exemplo maravilhoso, que culminou na instauração do verdadeiro socialismo — o **comunismo libertário** — foi dado pelos trabalhadores da Espanha, orientados pela

Confederação Nacional do Trabalho e pela Federação Anarquista Iberica, organismos que defendiam e propagavam com carinho os princípios federalistas da Primeira Internacional, cuja obra imortalizara o grande Miguel Bakúnine.

Já muito antes da sublevação franquista, a C.N.T. e o Movimento Libertário Espanhol, pensando com visão serena no futuro, educavam os trabalhadores, para colocá-los em condições de organizarem por conta própria e sem a tutela de chefes ou líderes supremos, a nova vida social e econômica da Espanha. Cada sindicato era uma escola de capacitação, onde os trabalhadores, estudavam e analisavam a forma em que o capitalismo tinha organizado a produção, a distribuição e o consumo, como também a origem das matérias primas indispensáveis para o desenvolvimento das indústrias.

Foram criados os organismos indispensáveis para a nova sociedade que havia de surgir com a derrocada do regime capitalista, e entre esses organismos figuravam a Confederação Nacional do Trabalho, as Confederações Regionais, Federações Regionais de Indústrias, sindicatos e agrupações técnicas.

Desta forma, quando Franco deu o grito de revolta e graças à ação enérgica dos anarquistas e da C.N.T., as suas hordas foram vencidas na **Catalunha, Levante e Madrid** e os grandes proprietários abandonaram espavoridos campos, fábricas, indústrias e minas, os trabalhadores passaram a controlar diretamente a vida econômica da Espanha.

AS COLETIVIDADES AGRICOLAS

Foi esta a maior maravilha da Revolução Espanhola. Todas as terras pertencentes aos fascistas e aos que com eles colaboraram na sublevação foram confiscadas pelos trabalhadores e declaradas patrimônio comum da coletividade. Terras até então incultas e abandonadas pelo capricho brutal de proprietários sem escrúpulos foram cultivadas com tal caíño e dedicação que no primeiro ano de guerra só a parte de Aragão, em poder dos trabalhadores antifascistas, produzia o necessário para atender às necessidades do exército e da população da Catalunha.

Em cada coletividade todos eram proprietários e produtores, todos tinham os mesmos direitos e deveres, e todos trabalhavam para um único objetivo: o bem estar coletivo e a conquista da liberdade.

Prova evidente da obra fecunda das coletividades é o fato de que dispôs o povo apenas de meia Espanha, pois a outra metade estava em poder das hordas de Franco, e sendo este povo vítima da mais terrível sabotagem internacional, conseguiu bastar-se a si próprio e produzir o necessário para resistir durante três anos aos ataques de Franco e do fascismo internacional.

A SOCIALIZAÇÃO

De acordo a Conferência Nacional do Trabalho, de orientação anarquista e a União Geral dos Trabalhadores, de orientação socialista, controlaram diretamente todas as ferrovias da Espanha em poder das legiões antifascistas pondo-as em marcha com a maior perfeição e regularidade, tendo como objetivo fundamental os interesses supremos do povo.

Por sua vez, a Confederação Nacional do Trabalho tomou ao seu cargo a organização dos transportes de Barcelona que passaram a funcionar sob a direção do respectivo sindicato, que não só aumentou as linhas, para comodidade do público, como também, e em plena guerra, diminuía os preços das passagens e melhorava as condições de vida dos produtores.

De igual forma procedeu a organização confederal com relação às indústrias têxteis, metalúrgicas, lácteas, mobiliárias e de produtos químicos, indústrias que passaram a trabalhar para o povo e para a guerra, pois ganha esta estariam asseguradas a liberdade e a nova vida social da Espanha.

E' digno de notar que as indústrias metalúrgicas, atendendo às necessidades do momento e graças à capacidade do proletariado, transformaram-se em indústrias de guerra, produzindo tanques, cartuchos de fuzis e metralhadoras, e montando aviões para colocar os milicianos em condições de fazerem frente ao poderio militar do inimigo.

A indústria mobiliária instalou lojas em todos os distritos de Barcelona, e com as fábricas socializadas trabalhava sem o menor descanso, pensando que o seu esforço era em benefício do povo. Os trabalhadores, que até então careciam, na sua maioria, de móveis nos seus lares, puderam conseguí-los sem o menor sacrifício tornando as suas existências mais humanas e mais agradáveis.

CULTURA REVOLUCIONÁRIA

Seguindo os métodos racionalistas da Escola Moderna fundada pelo grande mártir do livre pensamento, Francisco Ferrer, a C.N.T., e o Movimento Libertário criaram a CENU (**Conselho da Escola Nova Unificada**) afim de proporcionar à infância uma educação sadia, livre de todo fanatismo político e religioso. Iniciadas em Julho de 1936, com 34.431 alunos, contavam estas escolas em Julho de 1937, ou seja, um ano depois, com uma frequência de 116.846 alunos!...

Eis aqui um esquema breve do que foi a obra construtiva do anarquismo, que ao mesmo tempo que lutava com heroísmo para vencer as hordas fascistas, punha em marcha o novo sistema social que tem como base fundamental a cultura, o trabalho e a liberdade. Este sistema social é o verdadeiro socialismo preconizado por Bakunin, Faure, Malatesta e os grandes pensadores da Primeira Internacional: O Comunismo Libertário.

Os Acontecimentos de Maio de 1937

Podemos afirmar, de forma categórica, que os acontecimentos de Maio de 1937, em Barcelona, provocados pelo P.S.U.C. (Partido Socialista Unificado de Catalunha) que seguia incondicionalmente a orientação de Negrin e de Stálin, foram provocados para deter a marcha da **Revolução Espanhola**.

Da mesma forma que a França, a Inglaterra e os demais países reacionários do mundo, a Rússia não via com bons olhos a obra construtiva do anarquismo espanhol, já que o triunfo do proletariado orientado pela Confederação Nacional do Trabalho seria um golpe de morte contra o chamado comunismo de Estado.

A C.N.T. controlava as comunicações, e os seus militantes vigiavam atentamente as manobras dos que colocavam por cima dos interesses do povo os interesses dos partidos. Em Puigcerdá e ao longo de toda a fronteira com a França, os militantes da C.N.T. impediam que uns aventureiros, que longe de lutarem e viverem para a revolução, queriam viver da revolução, fugissem para o exterior levando valores que eram patrimônio da coletividade. Muitos destes falsos revolucionários foram presos e passados pelas armas quando covardemente abandonavam a luta e procuravam internar-se na França para viverem comodamente, enquanto outros derramavam o seu

sangue generoso pela causa da liberdade.

Se isto acontecia nas fronteiras vigiadas e controladas pelos milicianos, nas cidades, os fanáticos do P.S.U.C. procuravam por todos os meios prejudicar o trabalho fecundo da organização confederal, fazendo sabotagem nas suas indústrias e coletividades.

No dia 27 de Abril, foi covardemente assassinado em Puigcerdá o prefeito daquela localidade, Antonio Martin, que pertencia ao Movimento Libertário e dirigia as patrulhas de vigilância. Também foram assassina-

dos três camaradas que o acompanhavam.

No dia 3 de Maio, Rodrigues Salas, chefe de Polícia de Barcelona e pertencente ao P.S.U.C., assaltou o edifício da Companhia Telefônica, controlada pela Confederação Nacional do Trabalho e pela União Geral dos Trabalhadores, afim de colocá-la sob a direção absoluta do seu partido. Isto provocou profunda indignação entre os trabalhadores da C.N.T. que, respondendo à provocação, empunharam as armas e montando barricadas dominaram a maior parte da cidade.

Três dias durou a luta. A C.N.T. podia ter dominado a situação e exterminado os seus inimigos, pois ocupava a maior parte de Barcelona, mas não quis fazê-lo, porque a prolongação da luta determinaria o abandono das frentes de batalha pelos milicianos que, indignados com o que acontecia, queriam marchar sobre a capital da Catalunha para castigarem, como mereciam, os provocadores do P.S.U.C., e como isto determinaria deixar o campo livre às hordas fascistas, o organismo confederal, de acordo com sua irmã, a U.G.T., ordenou o fim das hostilidades na noite de 6 de Maio.

(Continua na 2.ª pág.)